

O POETA NO
RÁDIO: TEXTOS
DISPERSOS DE
JOÃO CABRAL DE
MELO NETO

EDNEIA
RODRIGUES
RIBEIRO

Algumas vezes, a ênfase em textos publicados apenas em livros contribui para ofuscar demais projetos a que o escritor tenha se dedicado. Assim, a colaboração em jornais e rádios pode ser considerada uma vertente da produção intelectual e do envolvimento do escritor com a sociedade ainda pouco explorada. Além da publicação de 19 livros de poesia – sem contar antologias e obra reunida – João Cabral também se dedicou a outras atividades voltadas à difusão das artes poéticas, à escrita e à edição de livros e revistas.

Entre projetos em que esteve envolvido, destacam-se: criação da *Revista de Cultura Brasileira*, que publicou 52 números entre junho de 1962 e novembro de 1981;¹ o trabalho como editor na sua prensa manual (*O Livro Inconsútil*) com a qual lançou a *Revista Cavalos de todas as cores*, em parceria com Alberto de Serpa,² alguns de seus livros (*Psicologia da composição e O cão sem plumas*) e de outros escritores; atuação como secretário de redação do jornal *Vanguarda*, fundado por Joel Silveira; e a pesquisa no Arquivo das Índias, em 1956, após ser readmitido pelo Itamaraty e enviado a Sevilha não para servir como cônsul, mas para pesquisar documentos brasileiros constantes naquela instituição. Desse trabalho resultou uma extensa publicação intitulada *O Arquivo das Índias e o Brasil*, lançada pelo Ministério das Relações Exteriores, em 1966, mas pouco conhecida.

Entre 1952 e 1954, período que coincide com o retorno de João Cabral ao Brasil, após ser colocado em disponibilidade não remunerada pelo Itamaraty, observam-se contribuições significativas em jornais brasileiros. Publicações como o ensaio “Nota sobre a poesia taurina de

1 Em meados de 2015, o conteúdo dessa revista foi transformado em *ebook* pelo Centro Cultural do Brasil em Barcelona e pode ser conferido gratuitamente no link: <<http://ccbrasilbarcelona.org/noticias/tag/revista-de-cultura-brasileira/>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

2 Conferir o trabalho “Cartas inéditas de João Cabral a Alberto de Serpa. O planejamento de O cavalo de todas as cores”, da professora Solange Fiuza.

Rafael Alberti”, divulgado na edição 00286, de 14 de dezembro de 1952, do *Diário de Pernambuco*, mas que não consta no inventário analítico dos originais do poeta salvaguardados pela Fundação Casa de Rui Barbosa, indicam a necessidade de verificarmos de maneira mais acurada sua colaboração em veículos de comunicação brasileiros, sobretudo, nos primeiros anos da década de 1950.

Embora textos publicados por João Cabral em jornais continuem dispersos, alguns foram incluídos na *Obra completa* (1994) e em *Prosa* (1997), ambos organizados por Marly de Oliveira, com a supervisão do autor. É o caso de quatro artigos sobre “A geração de 45”,³ publicados, em 1952, no *Diário Carioca* e, posteriormente, no *Diário de Pernambuco*. Todavia, outra produção intelectual do poeta que almejava ser um crítico de arte não chega a ser mencionada em sua bibliografia. Trata-se de textos elaborados por João Cabral, em meados de 1953, para apresentação em programas da Rádio Clube do Brasil, dirigida por Marques Rebelo. É importante ressaltar que essa emissora pertencia a Samuel Wainer,⁴ também vinculado ao jornal *Última Hora*, onde João Cabral foi autor do editorial “Um homem”, publicado na ocasião da morte de Getúlio Vargas.

De acordo com Ivan Marques (2021, p. 209) “além de produzir versões radiofônicas de obras literárias, uma de suas iniciativas foi a criação de uma série de programas culturais”. Entre os quais destaca-se o programa “Falamos os críticos” que desde a estreia, em janeiro de 1953, trazia a participação de João Cabral como responsável pela poesia. Como o programa era dedicado a várias artes, contava também com a colaboração de Adonias Filho (literatura), Flávio de Aquino (artes plásticas), Antônio Sá (música), Reynaldo Jardim (cinema). A boa recepção do programa e dificuldades financeiras enfrentadas pelo poeta levaram-no a produzir outro denominado “Sala de Leitura”, voltado a personagens do mundo literário.

Consultas ao espólio documental de João Cabral, sob os cuidados do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, revelaram que alguns itens da sua produção intelectual eram (ou continuam) desconhecidos do público. Entre o material encontrado

³ *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 1952, 23 nov. 3 cad., p. 3; 30 nov. 3 cad., p. 3; 7 dez. 3 cad., p. 1; 21 dez. 3 cad., p. 1. Os mesmos artigos são veiculados no *Diário de Pernambuco*, em dezembro de 1952, na edição de 00281, e em 2 de fevereiro de 1953, na edição de 00027.

⁴ A esse respeito, conferir Karla Monteiro (2020, pp. 199, 225, 229, 233 e 235).

durante a minha pesquisa de doutorado, destacam-se mais de 50 poemas inéditos e outros dispersos, que foram incluídos na *Poesia completa de João Cabral* (2020). Em relação à prosa ensaística, além de um documento de 29 laudas datiloscritas – “A poesia brasileira” conferência “feita no Recife, 1954, nunca publicada”, conforme anotações do próprio autor –, há cerca de três dezenas de textos curtos, com pouco mais de uma folha datilografada, identificados, no sumário elaborado por João Cabral, como artigos de jornal e programas de rádio.⁵ Desses documentos, vinte são programas de rádio que versam sobre figuras do meio literário e artístico, como Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Luiz Santa Cruz, Mauro Mota, Otavio de Faria, entre outros.

A seguir, podem ser conferidas transcrições de dois documentos que nos permitem observar uma faceta pouco conhecida do engenheiro do verso: a de apresentador de rádio. Em “Romanceiro da Inconfidência”⁶ e “O exílio das elites” sobressai o entusiasmo do autor de *O cão sem plumas* (1950) com o livro lançado por Cecília Meireles, em 1953. Resgate do poema épico, trabalho de pesquisa e abordagem de temas históricos sintetizam alguns motivos que levaram João Cabral a afirmar que “a publicação deste *Romanceiro da Inconfidência* ganha um sentido de verdadeiro manifesto”.

A defesa de uma prática poética voltada a assuntos extraídos da realidade imediata, em vez de abordagens centradas na subjetividade e no sentimentalismo, aparece em outros textos inéditos e dispersos desse mesmo período, como na conferência “A poesia brasileira”, como demonstra o fragmento a seguir:

Ora, o poeta não foi nunca, somente o homem capaz de registrar estados de espírito pessoais em forma de poema. Poeta era o homem também capaz de celebrar, em poemas, os fatos que a sociedade de seu tempo desejava ver celebrados, – e nisso está o fundamento da poesia épica. Poeta era também o homem capaz de dar linguagem

5 Artigos de jornal: Preponderância da Poesia; O Romancista Otávio de Faria; Joaquim Cardozo [1952]; Os ensaios de crítica de poesia [*Diário de Pernambuco*]; Deolindo Tavares e sua poesia [*Rev. Estudantes Recife*]; Willy Lewin; Prática de Mallarmé [*Renovação out. Nov. Dez. 42*]; Sobre a exposição de Portinari [*O Jornal – 8.7.43*]; As imaginações [*A manhã*]; 15 Poetas Catalães [*Rev. Bras. Poesia*].

Programas de rádio: O Romanceiro da Inconfidência; O Exílio das Elites; Um livro de Dantas [*Mota*]; Um poeta verdadeiramente moderno; Jacques Prévert, poeta moderno; Santa Cruz; Sobre os críticos de poesia; O Amoroso e a Terra; Vinicius de Moraes; Geraldo Vidigal; O Romancista Otávio de Faria; Mauro Mota e a Geração de 45; Sobre o Romanceiro Popular; Poesia e Rádio; O Poeta Cipriano Vitureira; Sobre Poesia; Fim de uma etapa; Apresentação de Erskine Caldwell.

6 Conforme Joelma Siqueira (2021), esse texto foi publicado por terceiros como “Arquivo de um repórter ‘Romanceiro da Inconfidência’”, no Suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, na edição 00093, de 22/04/1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/61299>. Acesso em 22 dez. 2022.

poética a certos temas, para os quais a necessidade social recomendava uma linguagem afetiva (que emocionasse) em vez de uma linguagem racional (que somente convencesse), – e nisso está o fundamento da antiga poesia religiosa e da poesia didática. O poeta era o homem capacitado a tratar desses temas a qualquer momento, e não somente nos raros momentos em que os caprichos de sua sensibilidade o levassem a escrever poesia. (MELO NETO, 1954, AMLB, FCRB, fl. 167)

Enquanto nos programas de rádio o autor admirava Cecília Meireles pela escrita de um livro planejado com ênfase em temas históricos, na conferência “A poesia brasileira” ele reflete sobre a situação da poesia produzida no Brasil, em meados de 1954. Ao longo do texto, a crise do verso é relacionada ao distanciamento de temáticas objetivas que despertariam o interesse do leitor, o único capaz de garantir a circulação da literatura para além das confrarias literárias.

Mesmo que não haja referência explícita à figura de Cecília Meireles na poética cabralina, conforme se observa em relação a outros escritores brasileiros, é possível supor que as boas impressões causadas pelo *Romanceiro da Inconfidência* não se esgotaram nos dois programas de rádio. No conjunto da obra de João Cabral, um dos últimos livros guarda relações estreitas com o exercício poético empreendido por essa poetisa. O gesto de resgatar em versos a história de membros de movimentos pró-separatistas permite associar *O auto do frade* (1984) a *Romanceiro da Inconfidência* (1953). Se os inconfidentes de Minas foram lembrados na poesia de Meireles, coube ao poeta pernambucano homenagear o conterrâneo Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, o Frei Caneca, importante na Revolução Pernambucana (1817) e na Confederação do Equador (1824), mas ofuscado pela História Brasileira. Por meio de seus versos, João Cabral parece ter se empenhado em corrigir o que ele considerava uma injustiça, à medida que busca evidenciar a figura do mártir pernambucano ao longo de sua obra. Assim, antes de ser o mote do livro de 1984, Frei Caneca foi lembrado nos poemas “Frei Caneca no Rio de Janeiro”, de *Museu de tudo* (1975), “Descrição de Pernambuco como um trampolim”, de *A escola das facas* (1980), “Cenas da vida de Joaquim Cardozo”, de *Crime na Calle Relator* (1987), e em fragmentos de *O rio* (1954).

Em entrevista concedida a Marília Martins, em 1992, João Cabral afirma: “Tem um comentário que o Mário Faustino fez uma vez que até

hoje me enche de orgulho. Ele disse: ‘O senhor João Cabral é um poeta para quem a história existe, a geografia existe e a sociologia existe.’ (MELO NETO *apud* ATHAYDE, 1998, p. 50). Embora apenas em 1984, com *O auto do frade*, um fato histórico tenha se tornado tema de um livro de João Cabral, sua produção poética de meados da década de 1950, sobretudo *O rio* (1954), *Morte e vida severina* (1956) e *Dois parlamentos* (1961), encontra-se em sintonia com ideias defendidas na prosa-ensaística escrita no mesmo período. Nessa fase, suas conferências, teses e programas de rádio reiteravam a necessidade de a poesia voltar-se à realidade imediata e a temas capazes de interessar ao leitor. Portanto, é possível inferir que características admiradas por João Cabral na poesia de Cecília Meireles, em 1953, também estavam sendo implementadas no seu projeto poético voltado a “dar a ver” realidades menos afáveis, a “falar de coisas” e a recusar o “lirismo interior”.

O ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA⁷

O aparecimento do “Romanceiro da Inconfidência” de Cecília Meireles pode ser considerado um dos acontecimentos mais importantes dos últimos anos. Pela primeira vez, o livro de um poeta brasileiro moderno vem mostrar que a poesia, mais do que uma substância determinada, é linguagem, isto é, uma maneira de falar de certos assuntos ou de transmitir certas substâncias.

Modernamente, havia-se perdido completamente, ou quase, esse sentido. A principal preocupação do poeta moderno é a de definir, exatamente, o que é a poesia e captar, isolar, sua substância. Passou-se a encará-la como uma coisa independente do poema, que podia acontecer num poema e que os poemas, como outras formas de arte, podiam, algumas vezes, e quase sem o saber, captar.

Não é difícil de compreender-se que uma poesia escrita a partir de tal conceito, mostre a tendência a ir, mais e mais, diminuindo o seu campo de ação. Se essa substância, a poesia, independente do poema e de seu assunto, a obrigação do poeta DEVE ser a de reduzir ao mínimo todos os elementos discursivos, todo assunto, tudo o que puder ser dito em prosa.

Essa procura de isolar a poesia, como um corpo raro e instável, chegava, porém, a uma contradição. Poesia é linguagem, é o

7 MELO NETO, João Cabral de. s.d, AMLB, FCRB, fls. 49 e 50.

tratamento afetivo da linguagem. Ora, uma linguagem não pode viver independentemente de uma coisa que comunique. Uma palavra isolada, descoberta ao acaso do dicionário, tem sempre uma significação. E isso impede que a tal substância-poesia viva independentemente do assunto.

O que se viu, portanto, foi uma contradição. No seu afã de isolar a poesia, que eles julgavam um valor absoluto, os poetas modernos foram eliminando o que lhes parecia prosa. Incapazes de definir, positivamente, o que era poesia, foram eliminando, por um processo negativo, que não lhes parecia poesia.

O fim do poema ficou reduzido. Em vez de se fazer um poema sobre tal assunto, passou-se a fazer poesia. Isto é, passou-se a fazer poemas dentro do terreno que ia sobrando de todas aquelas sucessivas eliminações de coisas não poéticas.

O maior merecimento do livro da Senhora Cecília Meireles está precisamente em haver rompido com esta limitação da poesia moderna. O poema épico ou o poema de base histórica haviam sido abandonados. A poesia era uma substância caprichosa e submetê-la a um tema era arriscar-se a botar tudo a perder. Era arriscar-se a afugentá-la irremediavelmente.

Ora, dentro da poesia brasileira de hoje, romper com essa limitação vale por uma mudança de rumo tão completa, que a publicação deste Romanceiro da Inconfidência ganha um sentido de verdadeiro manifesto.

O EXÍLIO DAS ELITES⁸

Dizíamos, no último comentário, que o aparecimento do Romanceiro da Inconfidência da Senhora Cecília Meireles tem o valor de verdadeiro manifesto porque vem romper as limitações impostas, em nome da poesia pura, por alguns dos maiores de nossos melhores poetas. Limitações sobretudo de assunto.

O terreno da poesia está sendo, por tais poetas, mais e mais reduzido. A tal ponto que poesia quase que só vale, hoje, como sinônimo de lirismo interior ou de jogo formal.

Mas a experiência da Senhora Cecília Meireles tem um outro sentido, também importante e também, por si, quase um manifesto. Ao escolher

8 MELO NETO, João Cabral de. s.d, AMLB, FCRB, fls. 51e 52.

a Inconfidência mineira para assunto de seu livro de poemas, a autora de VIAGEM está rompendo, claramente, com o estado de espírito mais difundido hoje em dia, em relação à gênese do poema. Numa época em que quase toda a poesia é bissexta, e não apenas a dos poetas geralmente catalogados como bissextos, este livro da Senhora Cecília Meireles parte de um tema que a autora se impôs a si mesma e que procurou tratar da maneira mais sistemática que lhe foi possível.

Isto significa uma atitude completamente nova. O poeta de hoje, em geral, espera que o poema aconteça. Que ele lhe chegue, com seu tema, e sua forma própria. Como foi eliminado da poesia, em nome da poesia pura, qualquer sentido de utilidade, como não se cogita, em absoluto do destino social que o poema possa ter, o poeta moderno não encontra, fora de si, na sociedade, o impulso ou o encorajamento que levava os autores de antigamente a celebrar este ou aquele acontecimento. O poeta de hoje quer ser um poeta puro. Um poeta cujo poema contenha apenas poesia. Ora, o que é poesia ainda não foi perfeitamente definido e a substância poesia ainda não foi completamente isolada. A poesia é, para esses poetas, uma substância misteriosa e caprichosa que sopra onde quer, e não onde o poeta deseja que ela sopra. A atitude de tais poetas em relação à poesia é respeitosa e quase supersticiosa também. O poeta tem medo de forçar o poema. Ele o espera. Espera que um acaso qualquer o traga. O tema não é o ponto de partida para chegar-se ao poema mas o resultado, a fisionomia que assume o poema depois de captado.

Nem sempre este poema bissexta será puro. Alguma vez ele chegará carregado de todas as impurezas que tais poetas buscam evitar. Mas se ele foi concebido nessa passividade, o poeta se tranquiliza. Essas impurezas parecerão qualidades e não defeitos porque a atitude do poeta foi a de absoluta espontaneidade.

A Senhora Cecília Meireles com este Romanceiro da Inconfidência, que exigiu tanta sistematização e tanto trabalho de pesquisa, coisas que hoje em dia raramente vemos associadas como exercício da poesia, rompe decididamente com o estado de espírito vigente na poesia brasileira.

Por isso, também, é que seu livro ganha um valor de manifesto.

EDNEIA RODRIGUES RIBEIRO é doutora em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Minas Gerais). Atua como professora de

Literatura, no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Campus Montes Claros. Pesquisadora da obra de João Cabral de Melo Neto há mais de uma década, descobriu dezenas de textos inéditos do poeta. Como responsável pela seção de “Inéditos e de Dispersos”, colaborou na organização da *Poesia completa* de João Cabral, lançada em 2020 pela Editora Alfaguara, com organização de Antonio Carlos Secchin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHAYDE, Félix. *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, FBN, 1998.
- FIUZA, Solange. “Cartas inéditas de João Cabral a Alberto de Serpa. O planejamento de O cavalo de todas as cores”. *Revista Alea*. v. 21/1, pp. 157-174, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/24179/13401>>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- FOTOBIOGRAFIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO. Org. Eucanaã Ferraz; coordenação Valéria Lamego. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2021.
- INSTITUTO MOREIRA SALES. *Cadernos de Literatura Brasileira: João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996.
- INVENTÁRIO analítico de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- MAMEDE, Zila. *Civil Geometria: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto, 1942-1982*. São Paulo: Nobel, 1987.
- MARQUES, Ivan. *João Cabral de Melo Neto: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2021.
- MELO NETO, João Cabral de. *A poesia brasileira* (Texto inédito). Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). Seção: Produção Intelectual. Pasta: Ensaio – Prosa de João Cabral de Melo Neto. 1954, fls. 146-175.
- MELO NETO, João Cabral de. Programa de rádio: *Romanceiro da Inconfidência*. In: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). Seção: “Produção Intelectual”. Pasta: “Ensaio – Prosa de João Cabral de Melo Neto”. 1953, fls. 49-50.
- MELO NETO, João Cabral de. Programa de rádio: *O exílio das elites*. In: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). Seção: “Produção Intelectual”. Pasta: “Ensaio – Prosa de João Cabral de Melo Neto”. 1953, fls. 51-52.

MELO NETO, João Cabral de. Ensaio: “Notas sobre a poesia taurina de Rafael Alberti”. In: *Diário de Pernambuco*, edição 00286, de 14/12/1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&PagFis=0&Pesq=notas%20sobre%20a%20poesia%20taurina%20de%20rafael%20alberti>. Acesso em: 12/01/2017.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Org.: Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MELO NETO, João Cabral de. *Prosa*. Organização de Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa e prosa*. Organização de Antonio Carlos Secchin. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa*. Org.: Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. Lisboa: Glaciar, 2014.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa*. Organização, estabelecimento de texto, prefácio e notas: Antonio Carlos Secchin; com a colaboração de Edneia R. Ribeiro. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *O arquivo das Índias e o Brasil: documentos para a História do Brasil existentes no Arquivo das Índias de Sevilha*. Pesquisa: João Cabral de Melo Neto, com prefácio de José Honório Rodrigues. Comissão de Estudos de Textos da História do Brasil. Brasília: Divisão de Documentação/Seção de Publicações, 1966.

MONTEIRO, Karla. *Samuel Wainer: o homem que estava lá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RIBEIRO, Edneia Rodrigues. *Um Museu de duas faces: poesia de circunstância em João Cabral de Melo Neto*. 2019. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/32331>>. Acesso em 22 dez. 2022

SIQUEIRA, Joelma Santana. “Palestra: O poeta João Cabral de Melo Neto no Jornal do Brasil de 1940 a 1960”. In: *I Encontro Internacional de Poesia – 100+1 anos de João Cabral de Melo Neto*. UNESP – Campus Araraquara, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uJ3usV4d3OY>>. Acesso: 20 mar. 2022.